

Álvaro de Campos

## **A rapariga inglesa, uma loura, tão jovem, tão boa**

A rapariga inglesa, uma loura, tão jovem, tão boa  
Que queria casar comigo...  
Que pena eu não ter casado com ela...  
Teria sido feliz  
Mas como é que eu sei se teria sido feliz?  
Como é que eu sei qualquer coisa a respeito do que teria sido  
Do que teria sido, que é o que nunca foi?

Hoje arrependo-me de não ter casado com ela,  
Mas antes que até a hipótese de me poder arrepender de ter casado com ela.  
E assim é tudo arrependimento,  
E o arrependimento é pura abstracção.  
Dá um certo desconforto  
Mas também dá um certo sonho...

Sim, aquela rapariga foi uma oportunidade da minha alma.  
Hoje o arrependimento é que é afastado da minha alma.  
Santo Deus! que complicação por não ter casado com uma inglesa que já me  
deve ter esquecido!...  
Mas se não me esqueceu?  
Se (porque há disso) me lembra ainda e é constante  
(Escuso de me achar feio, porque os feios também são amados  
E às vezes por mulheres!)  
Se não me esqueceu, ainda me lembra.  
Isto, realmente, é já outra espécie de arrependimento.  
E fazer sofrer alguém não tem esquecimento.

Mas, afinal, isto são conjecturas da vaidade.  
Bem se há-de ela lembrar de mim, com o quarto filho nos braços,  
Debruçada sobre o Daily Mirror a ver a Pussy Maria.

Pelo menos é melhor pensar que é assim.

É um quadro de casa suburbana inglesa,  
É uma boa paisagem íntima de cabelos louros,  
E os remorsos são sombras. . .  
Em todo o caso, se assim é, fica um bocado de ciúme.  
O quarto filho do outro, o Daily Mirror na outra casa.  
O que podia ter sido. . .  
Sim, sempre o abstracto, o impossível, o irreal mas perverso —  
O que podia ter sido.  
Comem marmelade ao pequeno almoço em Inglaterra. . .  
Vingo-me em toda a linguagem inglesa de ser um parvo português.

Ah, mas ainda vejo  
O teu olhar realmente tão sincero como azul  
A olhar como uma outra criança para mim. . .  
E não é com piadas de sal do verso que te apago da imagem  
Que tens no meu coração;  
Não te disfarço, meu único amor, e não quero nada da vida.

29-6-1930

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 128.